

Britto colhe prestígio com FHC e acirra oposição

Políticas de privatização e de investimentos serão alvo de adversários na campanha gaúcha

MIRIAM MOURA

BRASÍLIA – O governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto (PMDB), era a primeira opção do ex-presidente Itamar Franco para ser seu sucessor. Então ministro da Previdência, Britto julgou-se jovem para o Palácio do Planalto e preferiu disputar o governo gaúcho. A vaga ficou para o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que ganhou a eleição em primeiro turno. Britto é hoje considerado um inimigo por Itamar – que não o perdoa por ter, na convenção do PMDB, apoiado a reeleição de Fernando Henrique, em vez de engrossar a ala pró-candidatura própria.

O governador, aliás, é agora um dos mais confiáveis aliados de Fernando Henrique e provavelmente o mais bem tratado pelo Planalto, mesmo não sendo um tucano oficial. Enciumados, alguns governadores do PSDB o chamam de “queridinho do Planalto”. Outros, mais realistas, como o paulista Mário Covas, simplesmente se rendem à evidência de que o gaúcho é “o governador que mais nomeia em Brasília”.

Britto, de fato, coleciona amigos na Esplanada: o presidente da Caixa Econômica Federal, Sérgio Cutolo, foi seu secretário-executivo e sucessor na Previdência, o ministro dos Transportes, Eliseu Resende, é seu amigo e companheiro do PMDB, como os ex-ministros Nelson Jobim (Justiça) e Odacir Klein (Transportes). Por fim, ganhou um amigo do PPB gaúcho, Francisco Turra, na Agricultura.

Antes mesmo de Turra chegar ao cargo, na recente reforma ministerial, Britto já tinha o que agradecer. “Os volumes dos investimentos em agricultura no governo Fernando Henrique são os maiores da história do Rio Grande”, diz o governador. No total, são mais de R\$ 800 milhões só em investimentos no setor. “O pessoal fala da GM: Fernando Henrique pôs três GMs na agricultura do Estado”, afirma Britto, referindo-se aos R\$ 250 milhões que o Estado repassou para a General Motors para conseguir a instalação da montadora no Rio Grande do Sul.

Tanto carinho com os gaúchos já está surtindo resultado, adianta o governador. “Quem é que está na frente nas eleições para presidente no Rio Grande do Sul?”, pergunta. “É Fernando Henrique; Lula (Luiz Inácio Lula da Silva, do PT) perde

a eleição hoje aqui”, aposta Britto, com base em pesquisas recentes. Se o fato vier a confirmar-se, esse terá sido o investimento eleitoral mais bem-feito do presidente, que teve em 1994 sua maior derrota na terra dos gaúchos. O sociólogo Marcos Coimbra, diretor do Instituto Vox Populi, confirma a reviravolta eleitoral e ex-

plica: “A ascensão do governador nas pesquisas e a do presidente estão intimamente ligadas ao desempenho do governo federal no Rio Grande do Sul, resolvendo pendências históricas.”

Como outros Estados, o Rio Grande do Sul também perdeu arrecadação com a Lei Kandir – que isentou as exportações da cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Britto reclamou, mas suas queixas pareciam chegar suaves ao Palácio do Planalto, que fazia ouvidos de mercador e nunca deixou que evoluíssem para polêmicas ruidosas



O governador: “O presidente fez pelo Rio Grande o que há muitos anos não era feito”

como muitas protagonizadas por outros Estados.

“Não merece ser governador de um Estado, principalmente do Rio Grande do Sul, quem não tiver espinha, quem não souber ficar em pé”, ensina Britto. “Por isso, nossa relação com o governo federal é uma relação acima de tudo de autonomia.” Mas é também, admite, “uma relação que reconhece que o presidente fez pelo Rio Grande o que há muitos anos não era feito”.

Britto também dá mostras de que, se for reeleito, não dará dores de cabeça ao governo federal na negociação da proposta de reforma tributária da equipe econômica, um dos projetos prioritários do governo federal, que será negociada

no ano que vem se o presidente for reeleito. “Acho que ela está no prumo, o norte é correto”, avalia.

Com ajuda do governo federal, Britto conseguiu, em três anos, acabar com novelas que duravam desde 1935, como a construção da ponte São Borja-São Tomé, inaugurada com festa por Fernando Henrique. “Nós somos hoje o Estado que mais obras tem no Brasil”, ressalta o governador. “Nenhum outro está construindo estradas como o Rio Grande do Sul, dobramos o número de telefones e triplicamos a geração de energia.” Com o dinheiro da privatização de empresas estaduais, o plano é não deixar nenhum município sem asfalto até o fim do governo.

Rio Grande do Sul um caráter plebiscitário. O candidato do PT, Olívio Dutra, adianta que seu discurso será de crítica tanto ao governo de Antônio Britto quanto ao do presidente Fernando Henrique Cardoso. “Vamos fazer uma campanha para derrotar a política do desemprego, da quebradeira dos pequenos, do descaso com a agricultura, do desmonte do Estado, que é a mesma do governo estadual e federal”, avisa Olívio.

Ao ouvir que os R\$ 250 milhões repassados pelo governo à General Motors para instalação da montadora no Estado serão um dos pontos enfocados pela oposição no palanque, Britto reage tranqüilo: “Deus queira que esse seja o ponto,

O governador resume a quase uma sinopse sua fórmula para administrar. “Acho que conseguimos realizar nosso programa estratégico, que era bem simples: construir uma unidade política, porque sem ela não se conseguiria nada”, diz. “Depois, era usar essa unidade para fazer um processo forte de reformas”, complementa, lembrando que o Estado é reconhecido como o mais audacioso nas reformas. “E sabe por quê?”, pergunta. “Porque se soube fazer as coisas na hora certa.”

Oposição – Para a oposição, a eleição terá no

porque a melhor coisa do mundo é ter de explicar a vitória; duro é ter de explicar por que durante 20, 30 anos nenhuma indústria veio para o Rio Grande do Sul.”

Olívio rebate. “Andando pelo Rio Grande a gente sente um rastilho de indignação em diferentes setores sociais, inclusive nas bases dos partidos que apóiam o governador”, critica. “O que falta para os pequenos o governo dá para os grandes setores, para as multinacionais.”

Britto lembra que o Rio Grande do Sul estava passando por um processo brutal de esvaziamento econômico. “Esse processo provocou aqui um sentimento de que o Estado era bananeira que já tinha dado cacho, que a hora do Rio Grande tinha passado”, explica. “Três anos depois, as duas maiores empresas do mundo, a GM e a Ford, estão fazendo as duas maiores fábricas dessas empresas no Rio Grande do Sul, com um sistema em que o governo do Estado usou as armas do Paraná, de Minas e de todo o mundo, que é um sistema de financiamento”, justifica o governador.

“Vamos combater no palanque essa política de privatização dos recursos públicos”, adianta o presidente regional do PT, Júlio Quadros, que acusa o governo Britto de descaso com as 420 mil famílias de agricultores gaúchos e de dar prioridade à política de megainvestimentos.

A calma do governador diante das iradas críticas da oposição, especialmente contra o programa de privatização, tem também outra razão. “Temos a alegria de ser o único Estado onde isso foi examinado pelo Tribunal de Contas e pela Assembleia Legislativa, que aprovaram o programa por unanimidade”, observa Britto. “Acho consagrador que a acusação seja de que eu tenha trazido indústrias num sistema aprovado pelo TCE e pela Assembleia.” Com a coligação de seis partidos com a qual governa desde a posse – PMDB, PPB, PFL, PSDB, PL e PTB –, Britto conta com uma confortável maioria de 36 deputados entre os 55 da Assembleia.



ITAMAR
HOJE O
CONSIDERA
UM INIMIGO